

Comunicação de Massa: algumas questões teóricas e metodológicas

Prof. Dr. Oscar de Faria - Doutor em Sociologia pela Sorbonne (França)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo o estudo de diferentes correntes de pensamento que se ocuparam da ação social e dos meios de comunicação na modernidade. A problemática da influência exercida pela mídia sobre o indivíduo e a sociedade traz consigo além da discussão dos efeitos da mídia a preocupação com problemas de identidade e do sujeito. Sob esses aspectos, são colocados em evidência as principais características das diferentes abordagens a esse objeto de estudo.

PALVRAS-CHAVES: Ação Social, Teorias, Paradigmas, Comunicação de Massa da Comunicação.

Cet article vise à l'étude des différents courants de pensée qui a occupé de l'action sociale et des médias dans la modernité. Le problème de l'influence exercée par les médias au sujet de l'individu et la société apporte avec elle, au-delà de la discussion des effets de la préoccupation des médias avec les questions d'identité et de l'objet. En vertu de ces aspects, sont mis en preuve les principales caractéristiques des différentes approches à cet objet d'étude

Introdução

As diferentes maneiras de conceituar o indivíduo, a interação social e o papel da mídia no processo de socialização das pessoas foram e continuam a ser objeto de estudo e controvérsia no mundo acadêmico e são bastante conhecidas entre nós, o que nos permite abordar essa problemática metodológica a partir de algumas descrições teóricas que nos evidenciem determinadas características fundamentais das diferentes perspectivas teóricas e suas possíveis implicações.

Já no século XVIII, os iluministas, em sua crítica a sociedade de sua época, evidenciavam o quanto ela era irracional, injusta e impediam o progresso e a liberdade do homem. A indagação crítica da sociedade baseava-se no uso da razão e da observação. A crença no uso da razão e a idéia de um progresso contínuo constituem algumas das características do projeto iluminista que tinham por finalidade a emancipação do homem e o

progresso. Armados desse instrumental teórico-metodológico posicionavam-se de forma revolucionária contra os fundamentos das instituições existentes, uma vez que estas apareciam como um obstáculo ao progresso e à liberdade do indivíduo, e a sua plena realização.

A profundidade das transformações econômicas, políticas e culturais decorrentes do avanço da industrialização e da Revolução Francesa foi amplamente discutida e é do conhecimento de todos nós. As novas condições de vida provocada por essas transformações foram analisadas por diferentes pensadores do séculos XVIII e XIX. Um dos eixos para pensar a sociedade moderna pode ser encontrado na análise sociológica de Ferdinand Tönnies na sua teoria dos vínculos sociais - *gemeinschaft* versus *gesellschaft*. Karl Marx baseará sua reflexão sobre a maneira de produzir do novo modo de produção, sobre as forças produtivas, contradições e crises do capitalismo. No final do século XIX, Durkheim publico a *Divisão Social do Trabalho*. Para ele a divisão do trabalho e numa sociedade era a principal fonte de solidariedade social ao invés de acarretar conflitos sociais. Esta solidariedade esta relacionada aos vínculos sociais que unem seus membros, problemática também encontrada em Ferdinand Tönnies. Esse gênero de relacionamento na nova sociedade foi por ele denominada de solidariedade orgânica. Com o aprofundamento da divisão do trabalho o grau de individualidade e diferenciação social dentro da sociedade aumenta consideravelmente ao mesmo tempo que a relação de cooperação e de solidariedade entre os homens. No entanto, esta solidariedade não impedia os conflitos sociais e instabilidade política, ou seja, o “desequilíbrio social”. Crises econômicas, conflitos sociais e políticos ocorridos com a evolução da sociedade constituem para ele vários exemplos de anomia, ou seja, “desarmonia social”. Diferentemente de Marx, Durkheim atribuía a origem da “desordem” a fatores de ordem moral e não de natureza econômica e que a ciência seria um instrumento para encontrar as soluções adequadas aos problemas encontrados. O objeto de estudo da sociologia era, para ele, os fatos sociais e que estes deveriam ser compreendido como “coisas e deveriam ser tratado como coisas”, ou seja, como exteriores e coercitivos aos indivíduos, como uma contrainte (constrangimento) imposta aos indivíduos por forma de agir que lhe são exteriores.

Estamos, pois, diante de uma ordem de fato que apresenta caracteres muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem. Por conseguinte, não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, pois consistem em representações e em ações; nem com os fenômenos psíquicos, que não existem senão na consciência individual e por meio dela. Constituem, pois, uma espécie nova e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de

sociais. Esta é a qualificação que lhes convém; pois é claro que, não tendo por substrato o indivíduo, não pode possuir outro que não seja a sociedade” (DURKHEIM, Emile, 1971:03)

A problemática da exterioridade e coercitividade dos fatos sociais foi associada por muito de seus críticos a incapacidade do indivíduo em determinar o que lhe acontece, como negação do sujeito, uma vez que o modo agir, pensar e sentir dos indivíduos não era por eles determinado.

Positivismo e Ação Social

Durkheim situa-se na linha do positivismo francês . A sociologia, para ele, deveria basear-se na observação e experimentação, ou seja, o mesmo método de investigação das ciências naturais.

Pertencente a uma outra corrente de pensamento, Max Weber, assim como Durkheim, é tido como um dos grandes teóricos da sociologia. Ligado a tradição “compreensiva” definia a sociologia como “uma ciência que procura uma compreensão interpretativa da ação social para, a partir daí, chegar à explicação causal do seu sentido e dos seus efeitos”. Em sua obra *Economia e Sociedade* analisa assim como Tönnies e Durkheim, a problemática dos vínculos sociais característicos de uma sociedade. Ele ressalta igualmente, além das contradições econômicas, as formas de racionalidade. No entanto, apesar das influências das idéias de Marx, discordava do determinismo econômico característico de uma certa interpretação do pensamento marxista.

Diferentemente de Durkheim, que considerava a ação social de maneira objetiva, para Weber a compreensão da ação dos indivíduos, ou seja, da ação social, deveria constituir o ponto de partida da análise sociológica e só poderia ser apreendida suficientemente de modo subjetivo. Ao contrario do positivismo Durkheimiano a sociologia compreensiva de Max Weber ressaltava a importância de compreender as intenções e motivações do indivíduo.

As representações que os indivíduos, grupos e classes sociais constroem sobre a maneira como eles agem e estão inseridos na sociedade são interpretadas de modo diverso pelas distintas tendências do pensamento científico, ou melhor, podem ser “enquadradas” em diferentes paradigmas teórico-metodológicos. Nas ciências sociais são três as “matrizes

de pensamentos” geralmente descritas: O funcionalismo, personificado em Durkheim, o marxismo e o weberianismo.

Nosso objeto de estudo – os relacionamentos entre o indivíduo, a sociedade e a mídia – implica a análise de um conjunto de pressupostos acerca da natureza da sociedade, do indivíduo, do relacionamento entre ambos e da influência da comunicação de massa. Feita a ressalva, cabe identificar a seguir as principais características das diferentes abordagens que se ocuparam da problemática em questão.

Indivíduo e Mídia na Sociedade Pós-moderna

Assim, tendo como foco principal a perspectiva liberal, partiremos das análises desenvolvidas por Gille Lipovetsky em *Metamorfoses da cultura liberal* para podermos melhor compreender o que está em jogo teórica e politicamente nas “guerras teóricas e culturais” travadas entre diferentes correntes de pensamento. Tendo como objetivo conhecer o nosso tempo Lipovetsky nos fala da sociedade liberal pós-moderna cuja cultura ele caracteriza como neo-individualista. O declínio das ideologias messiânicas, das grandes representações do progresso e da história correspondem para ele à revitalização da exigência ética. Sua hipótese é que estamos presenciando uma nova fase da história moral. A cultura cotidiana é hoje dominada pela felicidade, pelo sucesso pessoal, pelos direitos dos indivíduos contrariamente a fase anterior onde os grandes imperativos do dever sacrificial imperavam. A moral pós-moderna é emocional, uma moral adequada aos novos valores de autonomia individualista.

O sentimento de soberania do indivíduo remonta ao século XVI e muitos movimentos importantes contribuíram para essa concepção do Homem racional e científico característica dos filósofos iluministas. Descartes, Bacon, Hobbes e outros são considerados os precursores dessa nova forma de compreensão da realidade e dos fundamentos da ação social.

As pesquisas empíricas e as novas perspectivas teóricas em relação aos atributos pessoais e sociais dos seres humanos provocaram desde o início do século XX uma reformulação na maneira de interpretar os modelos de comportamento de indivíduos e grupos. Passava-se de uma concepção das ações e escolhas humanas baseadas na estrutura biológica herdada das teorias sobre os instintos humanos à uma outra baseada num processo

de aprendizagem, no conceito de atitude como motivador de comportamentos. A atitude era definida como “um processo de conscientização individual que determina a atividade real ou possível do indivíduo em um mundo social” (DEFLEUR, 1993: 195). A estrutura cognitiva – organização psicológica interior-adquirida como resultado de nossas experiências num determinado meio social passa a ser decisiva para influenciar nosso comportamento.

Não é difícil imaginar a importância que essa “psicologia da aprendizagem” acabaria tendo para a compreensão da influência da mídia de massa sobre o comportamento humano e para as estratégias teóricas para persuasão.

Apesar da importância dessa nova abordagem para a compreensão dos efeitos da comunicação de massa um outro foco de pesquisa se abriu no campo sociológico onde a preocupação central será com a diferenciação social na sociedade moderna. Com o avanço da pesquisa empírica em sociologia tornava-se cada vez mais claro para os sociólogos que a diferenciação social nas sociedades urbano-industriais produzia modelos distintos de comportamento, ou seja, os membros de uma determinada categoria social comportavam-se de maneiras semelhantes, compartilhavam “crenças” e atitudes relacionadas com sua posição e suas atividades na estrutura social e que poderiam ser classificados em categorias sociais distintas que, por sua vez influenciariam o comportamento dos indivíduos.

Como pode ser observado o problema em questão refere-se a problemática do condicionamento da ação. Por outro lado contrapondo-se as concepções aqui evidenciadas podemos ressaltar a análise da Escola de Frankfurt sobre o processo de industrialização da cultura e suas conseqüências para sociedade e o indivíduo. Os meios de comunicação são aqui analisados no contexto da “sociedade de massa”. Adorno foi um crítico do iluminismo. Para ele, o projeto iluminista de emancipação do homem resultou na reificação das relações humanas. Segundo esta perspectiva não se pode mais pensar o sujeito através das categorias psíquicas utilizadas pelos iluministas que o concebem como um ser autônomo.

Lipovetsky, na obra citada, se interroga sobre o papel da mídia no processo de massificação e contesta a análise da Cultura e Comunicação de Massa do ponto de vista de Escola de Frankfurt que vê a mídia como “uma fábrica de estereótipos a serviço da consolidação do conformismo, da justificação da ordem estabelecida do desenvolvimento da “falsa consciência” e das asfixia do espaço público da discussão”. No entanto ele, apesar de

reconhecer a influencia exercida pela mídia sobre a opinião pública e sobre os indivíduos uma certa uniformização dos gostos e atitudes e a criação de modelos comportamentais semelhantes, considera que a massificação dos modos de vida, dos gostos e das práticas não uniformiza os pensamentos e os gostos mais do que a escola e outras instituições e que essa homogeneização dos modos de vida, dos gostos e comportamentos não tem caráter de obrigatoriedade, mesmo reconhecendo a importância dessa influencia sobre o individuo e a sociedade.

A afirmação dos efeitos fortes e dominadores dos meios de comunicação pode ser encontrada de certa forma também em outras abordagens que se ocuparam dos efeitos da industria cultural como por exemplo a “Teoria da Bala Mágica” que pressupunha que as exposição à comunicação de massa tinha efeitos imediatos, uniformes e diretos na audiência

Como nos mostra De Fleur e Ball- Rokeach em *Teorias da Comunicação de Massa*, as “teorias de influencia seletiva” constituíam uma nova explicação da influencia da mídia de massa, das fontes de orientações sobre os tipos de fatores – diferenças individuais, diferenciação social e relacionamento sociais – que de alguma maneira contribuía para a seletividade das audiências e conseqüentemente a limitação do poder da mídia sobre o individuo e a sociedade.

Como mostra DeFleur e Ball-Rokeach em *As Teorias da Comunicação*, as “teorias das diferenças individuais” baseada em novos paradigmas psicológicos , afirmava que

as diferenças individuais na estrutura psicológica ou cognitiva dos membros da audiência eram fatores decisivos para influenciar a atenção para mídia e o comportamento diante de problemas e objetos ali discutidos. (DEFLEUR, 1993:197)

A “teoria da diferenciação social”, por sua vez, evidenciava que diferentes categorias sociais geravam maneiras distintas de comportamento. Finalmente, a “teoria dos relacionamentos sociais” nos mostrava a influencia dos relacionamentos sociais no comportamento das pessoas.

Como podemos notar, tanto fatores psicológicos quanto sociológicos agiam entre a mídia e a massa. Considerando as diferentes abordagens aqui apresentadas pode-se notar que

de uma forma ou de outra, todas evidenciavam os limites do poder da mídia de imposição de modelos de comportamento, de uniformização dos gostos e atitudes.

A teoria sociológica da diferenciação social, anteriormente mencionada, nos mostra uma explicação alternativa à teoria das diferenças individuais de comportamento. Em quanto esta última linha de pensamento destacava o papel da estrutura psicológica no comportamento dos indivíduos, a primeira colocava em evidência que “a diferenciação social produzia modelos distintos de comportamento” (DEFLEUR, 1993: 204), ou seja, duas maneiras distintas de encarar o condicionamento da ação social. No entanto, ambas destacavam diferentes fatores – tanto psicológicos quanto sociológicos – agindo entre a mídia e a massa limitando assim os efeitos fortes e dominadores dos meios de comunicação implícitos em várias teorias como por exemplo a teoria da bala mágica e a teoria crítica.

Lipovetsky, na obra citada, apesar de reconhecer os fundamentos da crítica sociológica à tese da massificação, ou melhor, do papel de outros condicionamentos diferenciados e diferenciadores, como de classe social” (LIPOVETSKY, 2003:69) no comportamento dos indivíduos, refere-se a prática da mídia nas sociedades democráticas como uma contribuição a uma cultura individualista como uma força que desencadeou “uma dinâmica de emancipação dos indivíduos em relação às autoridades institucionalizadas e às coerções identitárias” (LIPOVETSKY, 2003:70).

Indivíduo, liberdade e Mídia

A valorização do direito à autonomia individual promovida pela mídia é vista por ele como a diminuição do poder regulador das grandes instituições coletivas e dos modos de enquadramento sociais anteriores. Dessa forma as condutas individuais teriam cada vez mais “liberdade para compor e recompor suas orientações e modos de vida” (LIPOVETSKY, 2003: 71). Essa tendência a individualização estaria enfraquecendo de uma certa forma o papel dos condicionamentos sociais no modo de percepção e atuação da “massa”.

A sacralização do direito à autonomia individual não implicaria para ele a realização de uma democratização completa da cultura e afastaria as contradições da nova cultura individualista. Essa difusão da individualização dos modos de vida e dos comportamentos pela mídia, juntamente com o “superficial e lúdico”, ou seja, sua capacidade de imposição de modelos que apesar de eficaz, não são obrigatórios é vista mais “como instrumentos do

iluminismo do que como seu túmulo” (LIPOVETSKY, 2003: 73). O indivíduo liberado da sujeição ao coletivo constitui uma das características do neo-individualismo, tão presente nas sociedades pós modernas. Assim, “a condição social pós moderna é comandada por esse ideal de controle soberano de si e por essa luta sem fim contra o preexistente e o herdado” (LIPOVETSKY, 2003: 21)

Os diferentes aspectos colocados em relevo nas abordagens aqui mencionados podem nos servir como referencia para a compreensão de algumas características teórico – metodológicas das “correntes de pensamentos” aqui destacadas. A problemática da influencia exercida pela mídia sobre a opinião publica e sobre os indivíduos trás consigo alem da discussão dos efeitos fortes e denominadores a preocupação com os problemas de identidade e do sujeito.

Abordagens como a teoria hipodérmica (Bala Mágica ,Correia de Transmissão, etc) teoria critica, espiral do silencio e agenda setting,

buscam afirmar uma teoria dos efeitos fortes e dominadores dos mass media, pois partem dos mitos fundadores da sociedade de massa, onde os indivíduos estão atomizados, alienados,presos no seu isolamento, ou então ilhados no seu silencio.Logo, estes indivíduos estão sempre subjugados às ações externas , em especial dos mass media: seja como pensar, no que pensar, o que não pensar ou sobre tudo silenciar. (FERREIRA, 2001: 115)

Diferentemente da idéia aqui veiculada de que a mídia exerce o controle e manipulação, impõe formas universalizantes de comportamento e consumo, Lipovesky refere-se à contribuição da mídia para o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos e não só para sua passividade. Assim,

através dos noticiários e dos debates, a midia “ mecanicamente abre os horizontes de cada um, dando a conhecer diferentes pontos de vista e oferecendo diversos esclarecimentos. As questões relativas à vida política, aos problemas sociais, a cultura e à saúde,entre outras, chegam a todos e blocos de saber tornam-se disponíveis para a maioria...Amplificadores de comparações os meios de comunicação de massa trabalham para (...) a individualização dos julgamentos,para a multiplicação dos valores de referencia. (LIPOVETSKY, 2003: 72)

Contrariamente as teses de passividade e de manipulação dos receptores pelos MCM, embora numa perspectiva diferente da abordagem de Lipovesky, a “perspectiva gramsciana”

estabelece a ruptura com a concepção do consumo como pólo determinado e portanto passivo e relação aos pólos de produção e da mensagem e ate do meio masssivo. O consumo passa a identificar o espaço da cotidianidade com suas formas não-explicitas de luta e resistência (LOPES, 1999:56)

Assim, como podemos ver, a cultura da mídia nos permite compreender, a partir desta perspectiva, não só que ela veicula uma forma comercial de cultura e promove os interesses da “cultura hegemônica” como também reproduz posições conflitantes, “promovendo às vezes forças de resistência e progresso”. (KELLNER, 2001:27)

À tese da massificação é aqui contraposta por abordagens distintas da análise da Cultura e Comunicação de Massa. No entanto ambos colocam em evidência diferentes fatores que de uma forma ou de outra limitam o poder de condicionamento e de massificação dos MCM. De um lado, portanto estão aqueles que acreditam que a indústria cultural promove a alienação do homem. Do outro lado, os que defendem o ponto de vista segundo o qual a indústria cultural nos permite vislumbrar algumas possibilidades de utilizar os meios de comunicação em benefício do homem.

A perspectiva individualista do sujeito e de sua identidade contrasta com a percepção sociológica dos condicionamentos sociais da orientação da ação e da concepção interativa da identidade do eu ressaltada não só na perspectiva durkeimiana como na análise de certos marxistas estruturalistas que colocam as relações sociais “no centro de seus sistemas teóricos”. Para uns a orientação da ação social é definida de modo subjetivo enquanto que os outros destacam o condicionamento social da orientação da ação.

Em relação à questão de identidade um outro fator - a globalização - tem sido considerado como um elemento que complexifica ainda mais as concepções de identidade. Se por um lado, o sujeito do Iluminismo é visto como centrado, unificado e dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, por outro lado a “noção de sujeito sociológico

refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autosuficiente, era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele” (...) O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real” mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2001:11)

Assim, as pessoas, compartilhavam a maneira de sentir, pensar e agir de acordo com sua posição e suas atividades na estrutura social. O estilo de vida um tanto diferenciado possibilitava aos diferentes grupos sociais agir diversamente.

No entanto, a visão do indivíduo moderno como unificado, cuja identidade supõe –se fixa, coerente e estável ou mesmo a concepção “interativa” da identidade do eu tem sido acompanhada por outras perspectivas que apontam mudanças nos conceitos de sujeito e identidade ligados tanto a Iluminismo quanto a perspectiva sociológica .O caráter da mudança implica que

o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, esta se tornando fragmentado;composto não de uma única , mas de varias identidades,algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”(HALL, 2001:12)

Considerações Finais

O mundo “pós-moderno” estaria vivenciando a fragmentação do indivíduo moderno visto como sujeito unificado. Esse processo de mudança refletia a complexidade do mundo contemporâneo, o surgimento do sujeito pós-moderno caracterizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

A proliferação dos discursos em torno de outros determinantes de identidade social e de estruturação das categorias sociais como raça, etnias, preferências sexuais e nacionalidades vieram juntar-se aos discursos em torno das classes. O multiculturalismo proveniente dos novos discursos teóricos apontava para uma nova concepção de identidade do sujeito

Como podemos observar as diferentes maneiras de conceituar o indivíduo, a interação social e o papel da mídia no processo de socialização das pessoas revelam que estamos diante de perspectivas teórico-metodológicas diversas, de “modelos” interpretativos da ação social e da mídia diferentes,de coerentes de pensamento não necessariamente excludente e a.antagônicas e que em determinadas questões permitem influencias recíprocas na abordagem dos fenômenos da Cultura e da Comunicação de Massa.

TITLE: Mass Communication: some theoretical and methodological issues

ABSTRACT: This article has as objective to study different currents of thought that engaged in the social action and the media in modernity. The problem of the influence exerted by the media on the individual and society brings with beyond the discussion of the effects of the media concern with problems of identity and of the subject. Under these aspects, are placed in evidence the main characteristics of the different approaches to this object of study.

KEY-WORDS: Social Action, theories, paradigms, communication of mass communication.

Referências Bibliográficas:

DEFLEUR, Melvin L. et **BALL-ROKEACH**, Sandra. Teorias da Comunicação de Massa. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1993.

DURKHEIM, Emile. As regras do Método Sociológico. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1971.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Teorias da Comunicação – conceitos, escolas e tendências. Petrópolis (RJ). Editora Vozes, 2001.

HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2001.

KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. Bauru (SP). EDUSC, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. Metamorfoses da Cultura Liberal – ética/mídia/empresa. Porto Alegre (RS). Editora Sulina, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa em Comunicação. São Paulo. Edições Loyola, 1999.